

# Esperança para os brasileiros: vamos começar a crescer.

A previsão é do economista Marcelo Antinori, da FGV. Entrevista à Eliana Haberli.



**U**ma agradável perspectiva está sendo vislumbrada nos dados conjunturais da economia brasileira: o fim da recessão. Ou pelo menos, o fim dos motivos pelos quais esse remédio amargo foi imposto goela abaixo da sociedade.

— Essa é a discussão mais importante do momento — diz o economista e professor Marcelo Antinori, da Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas, empenhado em sustentar que o momento econômico vivido hoje é completamente diverso do de um ano atrás.

Ele se baseia nos dados do IBGE, nos números da Cacex, no acompanhamento de oferta de emprego da Fiesp, e em algumas pioneiras porcentagens positivas no varejo de São Paulo, como o satisfatório crescimento de 14% no mês passado na venda de aparelhos elétricos eletrônicos domésticos, registrado pelo clube dos Diretores Lojistas.

## A locomotiva da Economia

Segundo a análise desse economista, o processo de dissipaçao da recessão, pendurado no desempenho extraordinário das exportações, começou a se desenvolver no último mês de março, em plena recessão.

— Há três períodos, distintos este ano para o desenrolar dos acontecimentos econômicos: o primeiro, o segundo e o atual terceiro quadrimestre. No primeiro quadrimestre as exportações corriam bem, mas em nada refrescavam o mercado interno, que continuava com demanda bastante retraída: o governo gastando pouco, os empresários investindo pouco, e os trabalhadores consumindo pouco, com o arrocho do Decreto nº 2.065 em pleno vigor. Os economistas olhavam os dados da exportação e pensavam: "Apenas com o setor exportador funcionando bem, não há condições para o desenvolvimento interno, as exportações teriam de crescer a taxas absurdas para que isso ocorresse".

Mas as "taxas absurdas" ocorreram, alerta o economista, indicando os 39% em média de crescimento das exportações brasileiras de janeiro a abril de 1984. Para os Estados Unidos, então, elas cresceram nesse período 55%. A taxa de crescimento esperado de 12% (uma vez e meia o crescimento do comércio mundial, uma taxa considerada normal para um país como o Brasil) e o que realmente ocorreu. A recuperação norte-ame-

ricana foi de tal violência, com o dólar tão valorizado, que nós e o mundo inteiro entramos nesse espaço aberto pelo déficit comercial norte-americano de US\$ 120 bilhões.

A ocorrência dessas taxas, continua a análise, movimentaram a economia muito depressa — em março o emprego começou a crescer, e a produção industrial também; no primeiro quadrimestre, a indústria cresceu em média 3,7%. No segundo quadrimestre, começa a melhorar a demanda dos trabalhadores —, a queda na oferta de emprego se estanca, e o 2.065 se desmoraliza.

— É importante observar o que aconteceu com a massa salarial, e não com os salários de cada um de nós. A massa salarial calculada pela Fiesp, que no primeiro quadrimestre deste ano foi 11% menor do que no ano passado, se equalizou no segundo semestre. Nesse período, então, voltou aos níveis do ano passado. A exportação no segundo quadrimestre cresceu um pouco menos, 35%. A locomotiva perdeu um pouco de velocidade mas continuou correndo. E enquanto isso o crescimento do mercado interno passou de negativo para zero. A indústria, como um todo, cresceu 7% no segundo quadrimestre. Nos últimos dias, finalmente, a taxa de emprego industrial apresentou o maior crescimento de sua história, e não apenas de sua história recente: 1% em um mês.

## Crescendo diferente

Dante do que aconteceu até agora, Antinori acha que todas as condições estão reunidas para o crescimento da demanda interna e do emprego nos últimos quatro meses do ano, consolidando a chegada "ao final do túnel".

A taxa de crescimento das exportações continuará alta, apesar de descer provavelmente para 30%. E um dado importante em termos de alargamento de poder aquisitivo se verificará — a mudança na política salarial. No final do ano, números risonhos na economia, pela primeira vez em quatro anos — 10% de aumento industrial e pelo menos 4% de aumento no PIB.

— Mais importante, entretanto, do que números ou medidas de crescimento é que está ocorrendo uma mudança, uma reversão de tendência, uma alteração de quadro. Tudo indica que a fase dolorosa do reajuste acabou.

O crescimento da economia pode não estar sendo sentido clara-

mente, por enquanto, porque é um novo modelo de crescimento, muito diverso do antigo, importador, e lastreado em financiamentos externos. Agora o modelo é efetivamente exportador, baseado em poupança interna e além disso com transferência de recursos para o Exterior (o que é em última análise a definição de exportação).

Não se trata mais, explica o economista, de um crescimento puxado pela indústria automobilística, uma indústria que importava muito, que foi das mais penalizadas no ajustamento necessário para que a economia gerasse superávit de balanço comercial.

— Em 84, vamos produzir o mesmo volume de 79, importando apenas 50% do que importávamos. Não se trata apenas de substituição, mas de ajustamento.

O Brasil, portanto, está crescendo, apesar de São Bernardo não estar crescendo muito, essa é a interpretação do economista para a conjuntura de hoje. Tanto que a indústria de insumos básicos, dirigidas à substituição de importação e às exportações, como a petroquímica e a siderúrgica, estão com produção crescente, observa.

— Os dados da Fiesp mostram crescimento da indústria metalúrgica básica e da indústria mecânica. E metalurgia não quer dizer necessariamente indústria automobilística, isso é um viés nosso.

O ajuste ocorreu, portanto. As indústrias voltaram a crescer, em quase todos os setores. Houve muitas adaptações forçadas: a indústria de cigarros dirigiu-se para o mercado das marcas mais baratas, a indústria da construção civil voltou-se para os apartamentos de quatro dormitórios e a indústria automobilística empenha-se numa guerra pelas faixas de mercado mais elitistas, dos modelos caros.

— Por isso é que o governo precisou conter o crescimento, fechando, no último pacote, a porta da retirada de recursos do Banco Central, provenientes de empréstimos externos e suas amortizações futuras. O governo fechou essa porta, do 432, porque se defrontou com o aumento da demanda de crédito. O dinheiro que está lá depositado, agora não sai, e agora é o Pastor quem manda nas taxas de juro. Com essa porta aberta, isso não seria possível.

## O intervalo da recessão

Ajustar-se à crise, segundo Antinori, significa em primeiro lugar gerar superávit comercial (essa pancada a Nação já tomou); sanear as finanças do setor público em segundo lugar, uma tarefa no mínimo árdua; e reduzir a inflação em terceiro lugar. A economia brasileira estaria agora partindo para o segundo passo.

— Fizemos o ajustamento. De maneira errada, segundo uma estratégia imposta de cima para baixo, com aumento de desemprego,

com uma crise que não era na verdade necessária, mas fizemos. Esse mau pedaço já passou. E um ajuste da Economia seria necessário de qualquer maneira, mesmo se tivéssemos declarado moratória.

A crise gerou suas próprias soluções, raciocina o economista: a indústria aprendeu a exportar sem importar e a produtividade cresceu em todos os setores.

— Enquanto os economistas como eu estávamos falando em crise, os empresários e os trabalhadores fizeram concretamente alguma coisa.

O acompanhamento dos acontecimentos de 1984 faz prever que se optará por um crescimento moderado até o ano que vem. A elevação das taxas de juro, em decorrência do último pacote, vai abrandar o crescimento, mas o crescimento não vai parar. Ele continuará como o crescimento possível com dívida externa — crescimento condicionado pela amortização do débito, sem falar na balança comercial dos Estados Unidos, à qual estamos "umbilicalmente ligados", na expressão do economista.

— Se o processo de crescimento americano for interrompido (e um dia ele será), estaremos novamente desestruturados e teremos de nos adaptar mais uma vez. Mas no momento a saúde econômica dos Estados Unidos é um fato. Não adianta colocar o problema de véspera.

O Brasil passou da época em que crescer era importar muito, exportar pouco e contrair financiamentos, para a época em que crescer é importar pouco, exportar muito e amortizar a dívida. Do crescimento fácil para o crescimento difícil. Com a recessão de intervalo entre os dois períodos. Diantre de um novo quadro, onde não mais se justifica uma política econômica recessiva para gerar superávit comercial, já que os superávits estão aí, se delineiam os próximos combates que o novo governo, terá de travar.

— Depois da recuperação da demanda, temos bombas pela frente. Qualquer crescimento de demanda implica um crescimento da procura por produtos agrícolas. E estamos entrando no próximo ano sem estoques reguladores. Se a demanda por alimentos cresce 10%, e a oferta não cresce, a inflação pula para 300% na hora, sem ninguém fazer força. E se o tempo não for bom, e se o agricultor não se motivar muito para plantar, já se sabe como as coisas vão ficar... Estamos na seguinte situação — o Brasil depende de chuva. Ai de nós se não chover no campo.

As outras bombas nasceram ou cresceram na desorganização econômica da recessão, como o BNH e a Previdência Social, se beneficiarão com o simples crescimento da economia. Crescer significa também aumentar receitas públicas. Imposto de Renda, IPI, ISS e, nada melhor do que isso, para organizar o setor público, carente de recursos.